

Do estudo aos sabores do Oriente: um ângulo da literatura hebraica contemporânea

Nancy Rozenchan

Livre-docente em Língua e Literatura Judaica, área de Língua e Literatura Hebraica do Departamento de Letras Orientais da Universidade de São Paulo.

Resumo

Tendo cumprido o seu papel mais importante, o de ajudar a forjar a identidade israelense, a literatura hebraica deixa de se centrar no coletivo e no modelo do personagem heroico, focos essenciais no desenvolvimento da identidade após a criação do Estado. Atualmente a ficção hebraica passa por um processo amplo de etnização e segmentação. Este artigo aborda as duas principais parcelas em evidência no momento: literatura de religiosos e literatura de “orientais” [*mizrahim*].

Palavras-chaves

Literatura hebraica - literatura israelenses - literatura de religiosos - literatura de orientais - *mizrahim*

Abstract

Having accomplished its most important role - to help to forge the Israeli identity - Hebrew literature no longer concentrates on the models of the collective in the society and of the heroic character - essential focuses in the development of the identity following the establishment of the State. Currently, Hebrew fiction undergoes a broad ethnizing and segmentation process. This paper discusses the two main plots in evidence at the moment: literature authored by religious writers and literature by “orientals” [*mizrahim*].

Keywords

Hebrew literature - Israeli literature - religious literature - Oriental literature - *mizrahim*.

A literatura hebraica moderna e contemporânea tem 150 anos de idade; nasceu no leste europeu onde se concentrava então a maior parte da população judaica e onde movimentos sócio-culturais incentivaram o seu desenvolvimento. Deslocada junto com a imigração judaica para o solo dos ancestrais, esta rica literatura já passou por muitos processos, comparáveis em escalas diversas com processos semelhantes em países ocidentais, ao mesmo tempo em que preserva e cultiva suas particularidades. Hoje, segundo Menahem Perry, uma das vozes de destaque na crítica e na produção literária de Israel, ainda que em meio a um crescente número de publicações, pode-se definitivamente proclamar a morte do cânone, da crítica e do debate literário em Israel.¹ O modelo mais conhecido da literatura hebraica e que prevaleceu por um longo período, centrado no coletivo, na construção da nação, desgastou-se, assim como se desgastou o modelo sócio-político que o criou.

O trio mais famoso da literatura hebraica [Amós Oz, A. B. Yehoshua e David Grossman], ao qual todos se voltam quando procuram a palavra do escritor em relação à literatura ou em relação às questões nacionais, continua produzindo, porém não se pode apontar atualmente uma geração literária nova que seja de continuidade. São ainda de autoria deles, assim como de Meir Shalev, Yoram Kaniuk e Sami Michael os livros mais vendidos. Mas é óbvio que muitos novos nomes vêm surgindo e desenvolvendo uma literatura de alto padrão. Alguns dos caminhos que os novos escritores seguem podem ser garimpados em obras de gerações anteriores; todavia, verifica-se atualmente um número significativo de escritores e obras que definem segmentos diversos da sociedade israelense. Na opinião de Hanan Hever, da Universidade Hebraica de Jerusalém, a ficção hebraica passa por um processo amplo de etnização. A literatura hebraica está se afastando de seus códigos universais e se tornando cada vez mais ficção de segmentos étnicos e outros segmentos particularistas.² Dois deles, pouco abordados em textos produzidos no Brasil, serão apresentados aqui.³

Em anos recentes tem crescido de forma perceptível o número de obras ficcionais hebraicas cujos autores são jovens religiosos que escrevem sobre si próprios e sobre experiências da vida religiosa, situando-se a si próprios no centro do enredo ou servindo como imagem de fundo. Até uma década atrás, a escrita de prosa ficcional era muito rara neste segmento populacional israelense, até porque de qualquer forma os jovens estavam muito pouco expostos às obras da literatura secular e este aspecto assim como a maioria dos temas pertinentes à cultura laica, não lhes diziam respeito. No entanto, nos últimos anos, mais e mais jovens do setor religioso não só leem ficção israelense e estrangeira como também escrevem.

Citar religiosos israelenses no campo da literatura ficcional deve soar para o leitor brasileiro tão estranho a ponto de não se poder conceber aqui outra imagem que não seja a de homens barbados de terno ou capote preto, camisa branca e cabeça coberta, debruçados sobre um rolo da Torá, o pergaminho do Pentateuco. Esta é, entre-

tanto, a imagem mais distante da realidade contemporânea. Boa parte dos religiosos não tem este perfil.

Como este é provavelmente o fenômeno mais marcante nos últimos anos na literatura hebraica, é por ele que se inicia este arrazoado sobre a literatura produzida atualmente em Israel. A classificação de “religioso” abrange uma ampla gama de graus de comportamento e práticas para os quais até existem nomenclaturas específicas em hebraico que me abstenho de relacionar ante as complexidades de expor as respectivas nuances, dispensáveis para o propósito deste texto. Como a sociedade israelense atual e a do passado recente, que são as que aqui importam, são constituídas por mais diversidades do que por uniformidades, dada a extensão do assunto, este texto também evitará se estender sobre o mesmo. Para uma compreensão básica da questão, remeto ao texto excelente, ainda que sucinto, de Marta F. Topel, “Da mistura dos exílios ao pluralismo cultural”⁴.

A atual onda de prosa religiosa começou há mais de dez anos com os livros do renomado rabino Haim Sabato, inicialmente com o romance **Teum kavanot**⁵. Sabato, ao que parece, abriu o caminho para seus discípulos e jovens do setor, dando legitimidade à leitura e escrita de livros que não são necessariamente livros sagrados ou de estudo do pensamento judaico.

Dov Aichenvald, da Editora Yediot, que vem se destacando na publicação e difusão deste segmento literário, considera que Sabato, com seus romances, concedeu a autorização para se escrever ficção. Segundo o editor, no passado, havia reverência pela palavra escrita, os jovens tinham medo de escrever prosa, havia uma barreira. Mas como uma autoridade rabínica, reconhecida e apreciada como Sabato, a estava praticando, ele abriu a porta para todos. Hoje, em algumas academias de estudos religiosos, há círculos de literatura, de redação criativa, as pessoas ousam mais, e muitos manuscritos são enviados à editora. A autora Sahra Blau, que se define como escritora religiosa, vivendo na linha limite entre o mundo religioso e o secular, diz que a literatura religiosa nasceu em um processo de três fases. A primeira geração foi de escritores, ou melhor, escritoras, que pertencem ao mundo religioso como Yochi Brandes, Judith Rotem, Hana Bat-Shahar, Zípora Reisman e Naomi Reguen, que escrevem para um público mais secular. Estes livros forneceram um primeiro vislumbre de uma outra vida, a dos religiosos e ortodoxos, possibilitando uma espécie de olhar exótico sobre o desconhecido, por vezes quase uma condição de bisbilhotar sobre um universo cujas portas não são, em geral, escancaradas a olhares curiosos.

Na segunda fase, começaram a surgir escritores que se afastaram do ambiente religioso; são ex-religiosos que conhecem os dois mundos, como Dov Elbaum, Dror Burstein, Eric Glassner, Shimon Adaf, Dror Feuer. Para a autora Blau, “eles são seculares que escrevem livros, contudo a sua religiosidade continua lá. A escrita não é necessariamente religiosa, mas eles têm uma linguagem rica de associações com a bíblia e outras fontes” (LEV-ARI, acesso eletrônico em 11.12.2009).⁶

A terceira fase é o processo que se desenvolve no

estágio atual: uma nova geração de escritores religiosos que escrevem literatura tanto para religiosos como para seculares. Destacam-se: Haim Sabato, Sahra Blau, Michael Sheinfeld, Guilit Homsky, Tamar Weiss, Ori Eilon, Hanoch Daum, Iair Hasdiel, Tally Vishna, Iael Mish'ali, Miri Keidar, Kobi Arieli, Assael Lubutski, dentre outros.

Do que trata esta literatura? Michael Sheinfeld, em **Maim sheein lahem sof**⁷, escreve sobre um rapaz que se debate entre o prosseguimento de estudos na academia de religiosos conhecida como *ieshivat hesder*⁸ e o curso de arquitetura no Technion; em um outro plano, o romance aborda o seu relacionamento com uma jovem com quem ele se encontra há vários meses. Deve-se frisar que na sociedade religiosa que se comporta de forma estrita em relação aos preceitos e costumes que a regem, não há a menor semelhança entre encontros de uma moça e um rapaz que sempre visam ao casamento e o que se denomina de namoro no Brasil em qualquer de suas variantes.

Este romance de formação descreve com autenticidade os processos psicológicos pelos quais passa o personagem, Iair, inclusive suas crises, até que encontre o lugar exato na escala entre o modo de ser religioso e o laico, entre a academia e a vida fora dela. Sheinfeld aborda questões candentes deste universo: se os estudos religiosos devem ser abandonados em prol dos estudos universitários; se deve haver uma dedicação integral ao universo do espírito com o prejuízo das relações com a casa e a sociedade; sentimentos de ciúmes em relação às duplas de estudos⁹ mais bem sucedidas; períodos de aridez espiritual após momentos de pico no apego ao estudo. Iair reflete sobre tudo isto enquanto se encontra internado em um hospital após sofrer ferimento no olho em decorrência de um desastre, ferimento este que é nitidamente sintomático. O período é do mês de Elul, o último do ano judaico, quando os crentes se dedicam à introspecção que antecede o ano novo. Destaca-se o desejo de Iair de perceber mudanças em sua personalidade, em seus sentimentos quanto ao estudo religioso ao qual se dedica de forma intensa, de entender a mística. Mudanças, entretanto, não são obtidas de imediato e o resultado é um sofrimento profundo.

Em **Bamidbar bemalon or'him**¹⁰, título que remete ao profeta Jeremias [9:1], Guilit Homsky descreve um grupo que se reúne a cada ano no Hotel Ramos da Romãzeira, junto ao Mar Morto, até que um dia aparece ali um medalhão misterioso que se revela ser um talismã cabalístico. A escolha da ambientação desértica é a ideal para o isolamento, para o distanciamento da sociedade urbana e, ao mesmo tempo, o hotel atrai adúlteros, a exemplo daqueles dos quais o profeta bíblico quis se afastar, e outros perseguidos pelos próprios defeitos.

Na véspera do Dia da Expição, o Yom Kipur, chega ao hotel um embrulho contendo um medalhão precioso e uma carta de arrependimento; não se consegue descobrir o dono do medalhão místico que irá reunir ao seu redor personagens de universos diferentes e situações estranhas.

O livro, que aparentemente não traz elementos re-

ligiosos, está repleto de alusões bíblicas, em particular referentes a profetas; este aspecto enriquecedor pode acabar despercebido do leitor não afeito a ele. A esta dificuldade soma-se o fato de autores religiosos utilizarem em geral uma linguagem que é comum em seu meio e distante da do público amplo.

Guilit Homsky diz: *"Eu não escrevo sobre o mundo complexo dos estudantes da academia de estudos religiosos. Meus personagens não são necessariamente religiosos, são seres humanos. Eu venho do setor religioso, e ainda me encontro nele, não o menosprezo. Simplesmente escrevo. A minha religiosidade se encontra no plano de fundo da obra"*. Ela também escreveu contos em que os personagens são nitidamente religiosos. Um deles ocupa-se de uma garota do segmento ortodoxo que não se comporta nos moldes da sua sociedade. *"É uma história com muitas nuances que somente alguém que cresceu em uma escola religiosa conseguirá entender. Eu tenho um diálogo principalmente com leitores da sociedade essencialmente religiosa, que é pequena, e as pessoas me conhecem, ligam para mim e comentam os meus textos. Mulheres me telefonam. Após o primeiro romance, muitas mulheres religiosas ligaram para mim"*.

Quanto a pertencer a uma geração de escritores religiosos, Homsky considera que *"dizem que é um momento e está na moda, mas a verdade é que eu queria escrever desde os seis anos de idade. Eu sou uma escritora. Pode ser que, quando crianças, crescemos todos em um ambiente em que há mais ligação com livros, de modo que absorvemos mais do que palavras e fomos atraídos para isto"*.¹¹

A vinculação a uma possível geração de autores religiosos não é um fator naturalmente aceito por aqueles que poderiam ser classificados desta forma. Tamar Weiss se insere nesta categoria. A autora diz: *"Tenho muitas outras coisas além de ser religiosa e creio que para a maioria de nós, mesmo os que seguem mais estritamente os preceitos, a religião é apenas uma parte da vida. Não me vejo atualmente como pertencente ao sionismo religioso ou a qualquer outro movimento. Sou Tamar e pronto. --- A questão religiosa é uma parcela essencial minha, mas não é toda a minha vida"* (apud. RAVID, acesso eletrônico em 12.12.2009.)¹²

A temática abordada por ela em seu livro mais recente, **Zeppelin**¹³, é inusitada. Na sociedade religiosa não se costuma falar sobre a vida íntima, sobre o dia seguinte ao casamento. Tamar Weiss rompeu o pacto de silêncio e escreveu sobre o cotidiano cinzento e suas dificuldades na vida de um jovem casal que vive em Modiin, cidade habitada por variadas camadas sócio-econômicas da jovem burguesia religiosa. Numa época em que parece que o discurso dos religiosos já está mais do que inflado em relação à questão dos jovens que tardam a casar [nunca é demais lembrar que os hábitos desta sociedade diferem dos que são praticados na sociedade laica israelense; rapazes e moças em idade de casar são indicados e decisões são tomadas após poucos encontros entre as famílias envolvidas], praticamente não se aborda o ajuste do novo casal que vai descobrir que a vida após o matrimônio não é exatamente o que esperavam. Mesmo vivendo em um ambiente em que à primeira vista todos

têm comportamento semelhante, a vida pode ter muitos momentos deprimentes, parte de uma rotina irritante de confrontar-se com um novo modo de convivência, difícil e desconhecido.

Tamar Weiss, na entrevista mencionada, critica a sociedade religiosa que por muitos anos santificou o povo e a terra de Israel e se esqueceu do indivíduo e de suas necessidades.

Na sociedade religiosa e na educação religiosa em que cresci e me formei, não havia equilíbrio entre o coletivo e o particular e nem havia uma tentativa de chegar a isto. A ênfase era sempre na correção e aprimoramento do universo externo. O avanço na auto-ajuda e na ajuda aos que nos são próximos não gozam do mesmo prestígio.

As diversas subcategorias de religiosos de Israel são provavelmente tão numerosas como a variedade de localidades onde eles habitam, cidades, bairros ou ruas. Modiin, cidade relativamente nova e com boa infraestrutura, é uma delas. Como muitas outras, apresenta peculiaridades que a diferenciam de outras localidades, como Tel Aviv, a cidade costeira do lazer e do prazer, em que o sábado é um dia a mais de diversão e não um dia santificado. Localizada a meio caminho entre Tel Aviv e Jerusalém, Modiin também não se equipara a esta última, com bairros de ortodoxos de ampla prole, vizinhos de núcleos em que impera a cultura laica. Modiin é residência dos religiosos que se dedicam particularmente a high-tech.

Zeppelin centra-se em um jovem casal, ainda sem filhos. Ela, a mulher passiva; ele, agitado, entre o emprego, a casa, a sinagoga, sempre correndo, mas aparentemente por nada. O livro, que traz uma semana na vida de Iashi e Naama, é construído de trechos curtos em que se intercalam as falas de ambos. No início, o tom do livro se parece com o da própria cidade: um conjunto ocasional de detalhes que se supõem individuais e particulares; entretanto, ninguém é capaz de se alçar para observar do alto, da altura de um Zeppelin, e perceber que dali tudo se parece como uma única massa cinzenta de desespero burguês religioso-nacional.

Naama e Iashi não compartilham exatamente da mesma posição em relação à religião. Vivenciam juntos o dia-a-dia, mas seus universos são diferentes. Iashi está dividido em relação ao sentido da existência. Esfalfa-se no corre-corre; sob a reza matinal mal pronunciada apenas para cumprir os preceitos oculta-se a indagação infundável sobre a busca de significado para a vida que leva. Naama, por seu lado, o acompanha perplexa, submete-se como uma boa esposa e reprime qualquer sinal de revolta; apega-se ao imediato, à sua família, a Deus. Ao se sentar um dia no lado ocupado por Iashi na cama, percebe que o “mundo” que se vê daquele lado é totalmente diverso do “mundo” visível do lado dela.

Um dos aspectos que se destacam nos livros destes autores é a ausência quase total de erotismo, um fator sobre o qual editor e autores debatem com frequência.

Houve uma abertura da sociedade religiosa para a cultura. Há mudanças nas regras da cultura do lazer, os religiosos começaram a ler mais literatura secular. Os religiosos tornaram-se, de repente, uma força consumista e econômica que não existia no passado. Por isto há também necessidade de um número maior de escritores do setor religioso e, por vezes, alguns deles pendem para tendências do mercado, via temas ou enfoques.

Sahra Blau, figura bastante conhecida por atuar na área de comunicações, foi alvo de grande curiosidade ao lançar o seu primeiro romance, **Ietser lev haadama**¹⁴, obra que gerou controvérsia pela temática. O livro traz uma interpretação inovadora para uma das criações mais obscuras e misteriosas da cultura judaica, a figura do Golem. A famosa criação que atraiu vários autores em línguas diversas cumpre, na mística judaica, papéis diversos: tanto como um meio de devoção, que é o mais alto grau religioso ao qual todo místico aspira, como de criatura de poderes extraordinários que salva judeus em momentos de grande perseguição, como é caso do relato do golem da cidade de Praga.

Jamais alguém conduziu a figura da criatura de barro ao patamar sensual e excitante como Sahra Blau. A personagem central do livro, uma infeliz mulher religiosa, solteira e complexada, cria para si um boneco destinado a concretizar os seus desejos sexuais e sentimentais. A personagem baseia-se na fórmula que a avó usara no Gueto de Varsóvia para criar um golem com o propósito de salvar os judeus. Ela cria o golem, todavia não consegue fazer com que ele a ame. Além desta inovação, o livro, que é uma viagem aos recessos da alma, explora de forma intensa e sensível, mas desapiedada, os sentimentos femininos reprimidos, tanto no relacionamento com a família como quanto ao próprio golem.

Em entrevista a Alon Hadar¹⁵ sobre o motivo por que criou um golem-homem, a autora disse: “Há algo tentador na ideia de criar para si mesma um homem superior, destinado a um propósito: você o amará, ele amará você. Um homem que deverá obedecer você, relações não igualitárias. Algo me atraiu na falta de humanismo dele. Muitas vezes sinto que um sistema não-igualitário é mais natural e cómodo para mim” (BLAU, apud. HADAR, acesso eletrônico em 13.12.2009).

Ainda falando sobre este seu livro polêmico, que teve muitas repercussões na crítica israelense, Blau disse:

Quando eu escrevi **Ietser lev haadama** referi-me à religiosidade da minha personagem como um dado que consta no sub-texto. . . . A religiosidade é compreensível por si só e está entre as linhas, e há um duplo benefício nisto: os leitores religiosos podem se sentir em casa, e leitores seculares podem se identificar com os personagens, eles são apenas pessoas.

Blau explica como o seu livro é religioso:

O enredo da história do Golem de Praga ecoa aí. Embora a minha personagem seja religiosa, ela não tem Deus, seus motivos e os do enredo não estão relacionados com os mandamentos ou a lei, mas com os fatores psicoló-

gicos e emocionais humanos comuns. A religião é um âmbito que intensifica o drama. No mundo religioso há conflitos que não existem no mundo secular e servem de bom material para a escrita – a questão sexual, questões de fé e de heresia, o lugar de Deus na vida cotidiana, estabelecer uma família, o mundo religioso fechado e comprimido.¹⁶

Há escritoras e há escritoras. Mira Keidar, autora igualmente religiosa, de linha estritamente ortodoxa, pertence a um setor muito diverso. Em seu romance **Ehad mielef**¹⁷, o leitor vivencia uma forte sensação de presença do mundo entre o homem e a mulher, de consciência do perigo de adultério, do ciúme entre marido e mulher, de pessoas conscientes das tentações, mas sempre no limite de situações. Alusão e não descrição. Tensão e não ato; são justamente os elevados limites da modéstia que a autora estabelece para os seus personagens que aumentam a excitação, intensificam a presença dos instintos e proporcionam um significado a mais a cada gesto ou movimento.

Os personagens de Keidar não estão trancados em um ambiente de um único sexo; vivem e se questionam quanto a uma realidade que afeta homem e mulher.

O livro é escrito do ponto de vista pessoal de duas mulheres jovens, cultas, religiosas de forma diversa, em falas alternadas. Brúria e Rahel¹⁸, as personagens centrais, valorizam o estudo da lei judaica. Brúria estabelece uma academia de estudos para mulheres, onde ela ensina o Talmude, enquanto a bela Rahel ensina a bíblia. Rahel vem de uma formação diferente e está também vinculada ao teatro. Brúria é solteira convicta e independente e sua colega é casada, ama marido e filhos. Os universos de ambas são diferentes, nos campos da religião, nacionalismo, identidade israelense e judaica, fé e lazer, estudo e poesia moderna, família e práticas de pureza familiar, nas ideias de assentamentos nos territórios e vida na cidade grande. Esta complexidade é acompanhada de tensões e confrontos que tornam possível o conhecimento de um universo dinâmico, ignorado pelo leitor que não tem contato com a ambiência dos religiosos, mesmo em Israel. Keidar conseguiu expor uma sociedade vibrante, em mutação, em especial com relação ao lugar e papel das mulheres na família e na comunidade.

Na sociedade religiosa o valor supremo é o estudo da bíblia, que sempre esteve a cargo dos homens. No setor religioso-nacional contemporâneo esta prerrogativa sofre alterações contínuas. Mira Keidar faz surgir um debate interessante sobre o poder, os objetivos e meios do feminismo religioso das mulheres, através das caracterizações dos diversos personagens do livro. Revolução ou evolução, cópia do sistema masculino ou criação feminina. Brúria e Rahel debatem como deve ser o estudo específico das mulheres. Também são apresentadas posições diversas sobre a questão de encontros e casamentos, assunto que, como se pode perceber pelas poucas obras mencionadas anteriormente, atinge os diversos sub-segmentos religiosos de Israel.

*

Judeus conhecidos como “orientais”, “*mizrahim*” em hebraico, são aqueles provenientes primordialmente de países árabes, do norte da África à Ásia. São uma presença forte em Israel e, como tal, gozaram de um registro constante, ainda que, de início, modesto, na literatura, no teatro e no cinema. Hoje, a literatura escrita por eles e sobre eles aponta para um dos segmentos mais importantes da escrita hebraica. Os judeus se estabeleceram nos países de fala árabe há mais de dois milênios. Quando surgiu o Estado de Israel, em 1948, a maioria deles mudou-se para lá. Estas ondas imigratórias estiveram vinculadas ao anseio pela terra dos antepassados e foram também motivadas por acontecimentos político-históricos nos países de origem. Pelo seu número, destacam-se entre estes os provenientes do Marrocos e do Iraque.

A principal dificuldade enfrentada pelos imigrantes a Israel em especial na década de 50, e em particular pelos provenientes dos países árabes, foi o conceito de “cadinho de fusão”, a concepção forçada de forjar o israelense médio, com a imposição de abdicar de símbolos e valores tradicionais que trouxeram consigo, com a intenção de que absorvessem valores e símbolos da sociedade em que passaram a viver e à qual deveriam se fundir. A par da aplicação deste princípio, houve uma ingerência intensa, forçada, em todos os âmbitos da vida dos imigrantes, desde o fato de serem direcionados a localidades de moradia em lugares específicos, geralmente em condições muito precárias, isolados dos eixos principais da vida do país, até os ramos de atividades a que foram encaminhados e interferência em hábitos pessoais. Esta imposição de nivelar todos os israelenses, despojando-os de suas características particulares, levou a um acúmulo de dificuldades e afetou de algum modo o respeito pela estrutura familiar tradicional, fortemente centrada na figura patriarcal e ancorada no respeito às tradições religiosas. A sociedade receptora, constituída em sua maioria pelos israelenses de origem europeia, referia-se a estes imigrantes, cuja cultura era considerada inferior à cultura ocidental predominante no país, como “primitivos”. Muitas formas de expressão depreciativas foram emitidas em relação a estes imigrantes; estes as interpretaram como demonstração de discriminação e racismo que causaram uma reação de insatisfação; “*mizrahi*” era uma expressão vista como pejorativa e, em pouco tempo, causou uma erosão nos relacionamentos entre as diversas comunidades do país.

A classe dominante ashquenazita¹⁹ de Israel nada sabia a respeito das tradições e aspirações dos imigrantes e julgou erroneamente estes novos israelenses pelo seu grau de pobreza, pelo “pavio curto” que os levava a irromperem rapidamente em contendas e pela falta de capacidade de integrar-se com rapidez na sociedade do país. O menosprezo no relacionamento com os novos imigrantes afetou a vida dos *mizrahim* mais do que a pobreza que perdurou por décadas. As desigualdades comunitárias em Israel transformaram-se em discriminação, criou-se tensão, animosidade, um clima de suspeições mútuas. Do ponto de vista destas comunidades orientais, muitas vezes os seus membros sentiram-se

infelizes ante a dificuldade de substituir um padrão existencial que até há pouco os satisfazia por outro não ansiado e opressor.

Em 1977, este segmento da população, que anteriormente não fora alvo dos interesses políticos amplos, elegeu Menahem Béguin e seu partido Likud, de direita, para substituir o tradicional governo trabalhista, que consubstanciara o caráter sionista do país até então, com a mencionada política de “cadinho de fusão” e consequente distanciamento desta população para a periferia do país. A eleição do partido Likud de oposição foi entendida também como uma reviravolta sefardita/*mizrahi*²⁰, que viu no partido de Béguin o partido do protesto. Esta vitória marca a data em que sefarditas e *mizrahim* começam a erguer a cabeça e com apoio político dão início à tarefa de conquistar o espaço e posições que nunca tinham sido seus.

Ao menos por quatro décadas estes imigrantes e seus descendentes viveram principalmente em localidades e cidades da periferia e nas assim denominadas “pequenas cidades em desenvolvimento”, locais que não gozaram de recursos suficientes e cujo desenvolvimento econômico lento fez com que somente aumentassem as brechas sócio-econômicas entre judeus do Oriente e os que habitavam as principais cidades do país. É natural que, com o passar dos anos, esta situação começasse a se diluir, mas somente em parte. Hoje judeus *mizrahim* de todas as origens e seus descendentes representam cerca da metade da população de Israel.

Desde o final da década de 1940 houve autores ashquenazitas que incluíram *mizrahim* em algumas obras. Foi uma presença extremamente discreta, quase imperceptível²¹; houve casos em que foram alvo de uma representação bizarra.

Foi necessário que transcorressem vários anos até que os próprios autores de origem oriental passassem a publicar as suas obras. Esta primeira etapa conta com dois representantes principais que continuam escrevendo e cuja obra vem se ampliando até os dias de hoje. Foram eles que inicialmente começaram a apontar as agruras e dificuldades de terem que conviver com uma nova sociedade com a qual não conseguiram ter a mesma afinidade como com aquela onde cresceram e se formaram e que, em geral, não abandonaram de forma espontânea. Ao mesmo tempo, passaram a observar com olhar crítico as próprias mazelas e a delatá-las.

Shimon Ballas é autor de **Hamaabara**²², originalmente escrito em árabe, publicado em 1964 em hebraico, dando início a uma profícua carreira que é coroada agora com a publicação, em 2009, de suas memórias. **Hamaabara** foi o primeiro livro hebraico de um autor proveniente do Iraque. Ballas jamais deixou de se sentir pertencente ao mundo árabe, considera que a sua identidade é judaico-árabe. Ballas nunca colocou como seu foco o consenso do *establishment* sionista. Hamaabará, o sistema de habitação provisória e transitória, constituído de barracos e barracões, e a convivência forçada entre diversos grupos de imigrantes, são o fato mais importante na vida dos imigrantes nos primeiros anos após a sua

chegada ao país.

Sami Michael, mais popular que seu conterrâneo Ballas, começou a escrever em árabe no país de origem, e, como aquele, foi perseguido devido à vinculação com o partido comunista. Seu primeiro romance hebraico, **Shavim veshavim ioter**²³, como sugere o próprio título, “Iguais e mais iguais”, serviu de mote para a luta dos judeus provenientes do oriente pela igualdade social em Israel nos anos 70. Neste livro encontra-se uma indicação explícita a respeito da hegemonia ashquenazita e seu modo de tratamento dos judeus orientais. Em obras posteriores, este tom é menos intenso.

Uns poucos nomes de autores *mizrahim* destacaram-se no período seguinte; alguns que já escreviam em árabe no país de origem, em particular no Iraque, acabaram por se voltar a atividade cultural vinculada à língua de nascença. Durante vários anos Michael e Ballas não foram situados pela crítica na ala central da literatura hebraica; isto pode ter sido um fator importante para que possíveis autores, já nascidos em Israel ou chegados ainda crianças, cuja língua era agora o hebraico, não se apressassem em procurar formas de publicar os seus escritos. E, simultaneamente, sua escrita era considerada secundária e não precisava [ainda] ser apresentada ao público amplo como sendo de primeira linha. Entretanto, houve quem rompeu a barreira. Dan Benaya Seri, Eli Amir e Albert Suissa são os nomes mais importantes do segundo momento desta ficção.

O primeiro romance de Seri, **Uguiot hamelah shel savta sultana**²⁴, foi aclamado pela originalidade na trama formada por motivos folclóricos das comunidades sefardita e *mizrahi*. Ele criou enredos bizarros de perversão sexual decorrentes de hábitos culturais, costumes e tabus, bem como a excentricidade individual. A comunidade ficcional de suas obras é alheia ao mundo circundante. A galeria de personagens criados por Seri aparece em todos os seus livros, formando um mundo fantástico-realista de anomalias consistentes. Os personagens do primeiro livro são de baixo estrato social; o enredo gira em torno de um jovem casal cujas núpcias foram promovidas na expectativa que surgisse uma nova geração aprimorada que superasse a feiúra e a idiotice do neto de Sultana, algo que não acontece.

Eli Amir se destacou na mesma década com seu **Tarnegol caparot**²⁵ que traz o relato de um jovem adolescente, proveniente do Iraque, tentando sobreviver e se adaptar nas entidades que acolheram jovens que foram levados a Israel sem as suas famílias ou cujas famílias não puderam se encarregar deles por algum tempo.

Esta é a década em que também surgiram três obras importantes de autores que já eram bem conhecidos e que abordaram tensões entre judeus *mizrahim* e ashquenazitas: **Kufsa shehora**²⁶, de Amós Oz, **Molcho**²⁷, de A. B. Yehoshua e **Hitganvut iehidim**²⁸, de Yehoshua Kenaz. São livros que, sem dúvida, contribuíram para que o nicho de obras de e sobre judeus orientais começasse a ocupar um lugar central no mercado literário e, conseqüentemente, no teatro e no cinema. Várias das obras aqui mencionadas se prestaram a isto.

Albert Suissa tornou-se famoso por um único livro, *Akud*²⁹. O livro é composto de relatos que, cumulativamente, formam uma variação de um romance de formação. O protagonista é o filho de uma família de imigrantes do norte da África que se estabeleceu na periferia de Jerusalém, à margem da sociedade israelense. Pleno de detalhes ornamentais, fantasia e autenticidade étnica, o romance relata o desenvolvimento de uma criança cuja família se desintegra por ter sido arrancada de suas raízes. A impotência e a irrelevância da família são retratadas com ousadia. Tanto o sistema de vida original como aquele conduzido no solo israelense parecem ser guiados pela violência e opressão que reproduzem uma alienação devastadora.

A par de fatores como distúrbios, grupos de contestação, alterações políticas desenvolvidos durante mais de vinte e cinco anos e que conduziram às primeiras modificações de vulto no perfil das comunidades israelenses orientais em geral, é preciso considerar que indivíduos, eventos e publicações em escalas diversas vêm dando a sua contribuição ao refazer cultural oriental, como é o caso de diversos pensadores e ativistas.³⁰ São todos professores universitários, nascidos ou não em Israel, alguns de origem oriental - marroquina, iraquiana ou outra, autores de pesquisas e importantes obras em campos diversos dos estudos humanos, com atuação intensa tanto em Israel como nos Estados Unidos. A par destes estudos e pesquisadores, pode-se enumerar uma ampla lista de escritores, poetas, cineastas, artistas que em sua arte expõem a sua vivência ou visão do mundo *mizrahi*.

Neste sentido, hoje, o principal periódico literário dedicado a *mizrahim*, *Hakivun mizrach*, expressa a sua posição de retificar a situação dos judeus orientais voltando-se, como muitos o fizeram e continuam a fazê-lo, contra a política israelense inicial do “cadinho de fusão” que apesar de suas boas intenções demonstrou ser uma prática opressora. Segundo o editor de alguns dos números da revista, Yitzhak Gormezano-Goren³¹, esta política, ainda que desativada, continua a ser prejudicial, pois a segunda geração de judeus orientais em geral – dentre os quais ele próprio se inclui – tem uma grande parcela de culpa própria pela situação que se seguiu, pois eles, os filhos dos imigrantes, serviram intensamente como “agentes” do sionismo para oprimir a especificidade dos seus pais. “Mas, com os anos” - diz Gormezano – “muitos de nós nos arrependemos e começamos a falar de consciência oriental, numa tentativa de recuperar os destroços e constituir algo.” Assim, é do seio da própria comunidade oriental que vem a intenção de reparar a situação dos *mizrahim* em Israel, de estabelecer do que consiste a sua identidade particular.

Aquele que se propõe a ocupar-se das expressões da cultura dos *mizrahim* encontra-se diante de uma situação difícil, pois a tal política de “cadinho de fusão”, mesmo não vigindo mais, já fez o estrago, exterminando grande parte da cultura levada a Israel de diversos países; a segunda dificuldade é que foram justamente os membros da segunda geração, os primeiros nascidos em Israel, que ajudaram a destruir o legado. Os membros

desta geração, produto da educação nacional sionista que propugnou a negação da diáspora judaica, negaram os seus pais, zombaram de seu tradicionalismo e costumes autênticos e empenharam-se em lhes impor a israelidade convencionalizada de então.

Estes se sentem culpados agora ante a repulsa que manifestaram em relação aos pais e o vazio que deixaram para a terceira geração. A literata Iafa Berlovitz considera que os membros da segunda geração, com a sua dose de culpa, assumiram uma tarefa difícil: não só reconstituir e recompor os fragmentos culturais que restaram, mas também lutar pelo seu lugar na cultura do país, ou seja, instituir em Israel um novo orientalismo judaico que represente uma alternativa competitiva para a israelidade prevalente. Assim, escritores e intelectuais têm se empenhado num trabalho intelectual centrado nas questões “o que é o orientalismo judaico” e “o que é a cultura oriental judaica”, que tem levado a coletar e a localizar materiais relevantes no passado e no presente, ler, interpretar, dar significado aos mesmos. Na prática, trata-se basicamente de um diagnóstico de consciência cultural reflexiva, que vem privilegiar o orientalismo e examiná-lo por meio de categorias básicas como identidade, memória, biografia, língua, lugar, etc., seja em contextos de sociedade, nação, gênero e etc., ou em contextos de criação em seus diversos âmbitos [cinema, teatro, poesia, música, artes plásticas]. Curiosamente, é na música popular que há o maior destaque para a cultura oriental. Na literatura, embora cada autor se expresse de forma particular, o número crescente de obras publicadas vem cumprindo o papel de conduzir a temática à centralidade da vida cultural.

A partir da década de 90 teve início uma verdadeira explosão de criatividade emergindo da consciência *mizrahit* na escrita, música, teatro, arte e cultura popular. Obras significativas da literatura israelense surgiram a partir da problemática *mizrahit* com suas preocupações sobre identidade, memória, língua e relações maioria/minoria, o que vem sendo expresso de diversas formas.

São numerosos os nomes de maior evidência no momento. Mais uma vez merece destaque o nome do rabino Haim Sabato pela obra mencionada anteriormente e por outras que se seguiram, como **Emet meeretz tishama**³², que aborda os judeus de Alepo, na Síria. Sara Shilo, Ronit Matalon, Orly Castel-Bloom, Dorit Rabinyan [escritoras], Dudu Bussi, Sami Berdugo, Iehezkel Rahamim, Shimon Adaf, Almog Behar [escritores], nascidos em Israel, de famílias provenientes do Egito, Pérsia, Iêmen, Marrocos, Líbia e Iraque, todos com excelente formação cultural, ao contrário da geração de seus pais, são os mais destacados que escrevem sobre judeus orientais em Israel e também sobre a vida nos países de origem de seus antepassados, saudosos de uma vivência que só conheceram através de relatos e histórias. E, em um total hibridismo de temáticas, impossível de desenvolver aqui, agregam em uma obra dois ou mais assuntos candentes relacionados a questões sociais ou políticas, gênero, religião, opções sexuais.

Dudu Bussi, um dos autores *mizrahim* de grande destaque atualmente, em entrevistas, declara que passou

por processos de apagamento da identidade semelhantes àqueles de seus personagens. Bussi considera que quando um *mizrahi* fala de sua orientalidade, principalmente da supressão de identidades, isto, no público em geral, transforma-se automaticamente em assunto não relevante e ele passa a ser chamado de “chorão”, “filme turco”, etc.. São tantas as discussões sobre questões de identidade e todas as suas implicações que há parcelas da população que não desejam mais ouvir tratar do assunto.

Na posição política apresentada no terceiro dos romances de Bussi, *Ima mitgaagaat lemilim*³³, de um lado é exposta a estrutura social e, de outro, a preocupação de conscientizar o leitor sobre o processo de repulsa e aniquilamento da família e das raízes. A família retratada na obra é de origem iraquiana. A personagem expressa-se como alguém que passou pelo que a segunda geração de imigrantes foi obrigada a passar: eliminação de consoantes guturais de sua fala [letras *ain* e *het*], envergonhar-se pelo estilo de música apreciado e pelos assim chamados “filmes *burekas*”³⁴, tão populares entre esta parcela da população. Bussi considera que todos da segunda geração sentiram a mesma dor de uma forma ou outra. Seus personagens são pessoas que vivem à margem do fluxo principal da vida do país. Talvez eles devam simplesmente ser denominados de sobreviventes, pessoas que lutam pelo sustento, pelas coisas mais básicas da vida. Houve um grande empenho por parte dos *mizrahim* de se transformarem em israelenses, de integrar-se e apagar as raízes dos respectivos pais. Supressão da identidade, cancelamento dos pais, desenraizamento, retorno e redenção são uma constante nesta escrita. Para o autor, também ashquenazitas passam pelo mesmo processo, uma vez que foram obrigados a eliminar a língua iídiche de suas vidas. Bussi declara que tanto na segunda como na terceira gerações *mizrahim* e ashquenazitas entendem que suprimiram as gerações anteriores para criar o novo judeu sabra, o nativo de Israel.³⁵

Bussi, que é filho de pai iemenita e mãe persa, conta que mesmo isto foi e, de certa forma, continua sendo alvo de disputas e discriminações; uma parte zomba da outra.

Sami Berdugo, outro escritor de destaque, filho de imigrantes do Marrocos, também escreve em seus livros sobre os problemas de discriminação dos orientais. Ele dá aos *mizrahim* voz em seus livros. Ainda muito jovem, Berdugo se via como exceção, seja no relacionamento com os pais, na sua israelidade, pelo seu nome que ele considera estranho e alvo de desconforto, pela sua opção sexual. Seu terceiro livro, *Ietomim*³⁶, é, a seu ver, um passo adiante na sua “saída do armário”; trata da crise da busca da identidade masculina, israelense e oriental.

Segundo Berdugo, a tragédia da sua geração é maior do que a dos seus pais. Diz ele: “Nós nascemos em Israel, os primeiros nativos. Você vê Israel que se desenvolve, seus livros, poesia, instituições, amores, mas então você volta para casa, olha para os pais e pergunta como é que eles estão vinculados a isto. Eles falam francês e marroquino, na sexta-feira vão à sinagoga. Você não pode imaginar como me irritava na infância ter de ler cartas para a minha mãe. E eu não podia dizer a ela, leia você

mesma, porque ela é analfabeta.”³⁷

Mesmo consciente do pano de fundo *mizrahi* em sua escrita, Berdugo anseia que a sua obra seja vista pelo ângulo da poética, do relacionamento intenso entre personagens. É verdade que os relacionamentos são elaborados naquele ambiente de *mizrahim* que lhe é bem conhecido e do qual não é capaz de se desligar.

Sami Berdugo diz a respeito do seu último livro:

Há aqui um grito mudo de duas pessoas da periferia israelense. Ambos sofrem a solidão e tentam deslindar a sua identidade na sociedade. Movem-se em meio a relações de amor e ódio à questão de ‘lugar’ israelense e o anseio oculto pelo local de onde vieram. Os personagens não conseguem se entrosar e ejetam-se, tentam estabelecer um território próprio e fracassam. Assim, na prática, tornam-se órfãos, desvinculados de tudo. A ideia de orfandade na sociedade israelense me acompanha em toda a minha escrita. Eu também sou órfão [o pai morreu quando ele tinha treze anos] e, sem dúvida, isto influenciou bastante a minha escrita, mas não sou órfão de língua, tenho a língua hebraica e só nela posso me expressar. Este é o único bem que tenho ao meu alcance (apud. VIG, acesso eletrônico em 20.11.2009; HA-DAR, acesso eletrônico em 30.11.2009).³⁸

Bussi, Berdugo são escritores relativamente jovens, já aquinhoados com diversos prêmios, como a maioria dos autores mencionados neste texto. Vale acrescentar aqui o nome de Sara Shilo, também ela premiada pelo seu primeiro e único romance, *Shum gamadim lo iavou*³⁹. Filha de pai sírio chegado a Israel ainda na década de 30, e mãe proveniente do Iraque, que viveu nas *maabarot*, mesmo não tendo sofrido quaisquer restrições do ponto de vista econômico e educacional, ao contrário, era filha de uma família abonada, também não deixou de sentir na própria pele as discriminações por ser uma *mizrahit*.

Sara Shilo resolveu muito jovem trocar de ambiente e no serviço paramilitar decidiu ir a uma cidade em desenvolvimento, Maalot. O seu livro traz uma família de origem marroquina que vive em uma aldeia sem nome junto à fronteira norte do país, em que os habitantes sofrem a ameaça de foguetes “Katiusha” e de ataques terroristas. Maalot pode ser vista como modelo. A cidadezinha, cujas primeiras populações na década de 50 foram marroquina e romena, que passou por um grande ataque terrorista em 1974 e que em 2006, na segunda guerra do Líbano, foi atingida por mais de 600 “Katiuchas”. A vida dos membros da família Dadon, em constante risco, e de seu ambiente, é trazida através dos monólogos da mãe, Simona, e de quatro de seus seis filhos.

O livro de Sara Shilo é um livro *mizrahi*. São poucas as obras israelenses em que os personagens falam em sua língua, e é num hebraico incorreto, repleto de entonações marroquinas que quase todas as personagens se expressam.

O livro de Sara Shilo insinua várias leituras possíveis. A perda do pai da família, e o desleixo a que esta é relegada por parte da família patriarcal do falecido representa também o abandono que o governo devota

a ela; a morte do marido representa para Simona uma autodescoberta: dispensada de sexo, procriação, partos, cuidado direto dos filhos [na narrativa os filhos cuidam uns dos outros], viuvez, ela percebe a liberação da opressão masculina. Entretanto, a falta de opção de se libertar da vida mirrada no bairro pobre e ameaçado, conduz Simona ao desejo desesperado de que um dos foguetes inimigos a mate.

Pigumim⁴⁰ é o título que o autor Yehezkel Rahamim publicou recentemente. Os contos abrangem experiências pessoais que o autor elaborou para mostrar as periferias. Lutas entre crianças em internatos, operários de obras em luta com a prefeitura, o dilema de passar para o serviço da ativa do exército para ajudar economicamente a família ou fazer a viagem pós-serviço militar a terras distantes tão ansiadas pelos jovens do país, a fome. O autor disse que teve sorte de nascer na família em que nasceu, apesar de, na infância, ter vivido em um internato assistencial, por motivos que somam dificuldades econômicas à opção de obter uma educação de bom nível.

Rahamim declara-se desvinculado de todo grupo formal de representação dos orientais. Mesmo não sendo uma questão central na escrita dos escritores orientais, um dos assuntos que incomodam estes escritores é o relacionamento hostil com os povos vizinhos. Segundo Rahamim, as comunidades orientais - “os judeus-árabes” - que poderiam ter sido úteis no relacionamento com os árabes, pois conheceram intimamente as populações dos países vizinhos durante séculos, são um potencial que foi desperdiçado:

São as pessoas de ligação, que foram plantadas dentro e entre duas culturais, a árabe e a hebraica. Representaram uma ponte forte e repleta de potencial, que em grande medida foi queimada e desperdiçada, talvez por alguma cegueira, talvez por ignorância. Mas as ideias estão acima das pessoas e mesmo de uma ponte queimada podem brotar ramos verdes de esperança (SELA, acesso eletrônico em 20.11.2009).⁴¹

Rachamim explica em um artigo⁴² por que ele se recusa a carregar “o fardo do homem de pele escura”, no confronto inter-étnico em Israel, tema constante em seus escritos; ele resume tudo numa frase que aparece no início do seu ensaio em **Teudot Zehut**⁴³: “O discurso de ‘orientalidade’ não é realmente legítimo na sociedade israelense. Este discurso tende a gerar zonas de desconforto, resistência e desprezimento, e tem a habilidade de congelar, e de inflamar, mesmo bons amigos.”

Rachamim pressupõe que, em casos como o seu, Israel permite que o judeu *mizrahi* se torne parte da vida cultural, apesar do caráter problemático da situação *mizrahi*.

Sobre o título do livro, **Andaime**, ele declara que a sua posição na vida talvez se pareça um pouco com estar em um andaime. Uma pessoa que não pertence integralmente, mas não é bem que não pertença, pode olhar para dentro e para fora e tentar de certa forma corrigir o ponto-de-vista. “Andaime” tem muitos significados. Rahamim, que nasceu no mesmo ano em que o movimento

israelense de protesto dos “Panteras Negras”, composto primordialmente por judeus marroquinos, estava em seu auge, aponta em seu livro o fator da pobreza como causador do grande sofrimento. Estudioso da sociologia da literatura hebraica, tema do doutoramento que ele está desenvolvendo em Paris, Rahamim trata das modificações pelas quais a literatura hebraica passa desde a década de 80 do século passado.

A variedade de questões abordadas na ficção de *mizrahim* é espantosa. Várias delas retornam de formas variadas nos livros mais recentes, como a questão da língua falada, ou melhor, aquela que foi calada, mais de quarenta anos depois que Ballas e Michael sofreram o problema na própria pele. O livro mencionado de Bussi é um dos exemplos recentes, mas não o único.

O nome de Almog Behar começou a despontar quando ele foi premiado em um concurso literário com o conto “Ana min al-yahud”, agora título da sua coletânea de contos⁴⁴. Como filho de judeus do Iraque de um lado, e do outro, de judeus provenientes da Turquia e da Alemanha, Behar entende bem o que significa isto. E calar a língua significa também calar a identidade.

Behar descreve judeus provenientes do Iraque que há muitos anos vivem em Israel, mas ainda não se adaptaram ao país. São muito saudosos da antiga terra e quanto a Israel sentem alheamento e não-pertença. Na maioria dos contos há o sentimento de estranhamento, desvinculação e nostalgia.

O conto “Ana min al-yahud” exemplifica esta nostalgia. Um homem anda pela rua e, ao invés da língua habitual, o hebraico, começa a sair de sua boca o árabe iraquiano que seu avô usava, hoje língua do inimigo. Isto faz com que ele tente ocultá-la, como o fizeram os seus pais, mas desta vez, com um poder demoníaco, a língua antiga não o abandona e começa a sufocá-lo, obrigando-o assim a falá-la contra a sua vontade. Isto não ocorre só com o personagem, mas passa a ser algo contagioso que ataca os demais israelenses e todos começam a falar em suas línguas anteriores. As línguas que foram caladas a favor do desenvolvimento do hebraico no estado judeu que se renovava saem às ruas e ameaçam a língua nova e aparentemente amedrontadora. Também antigos conteúdos se sobrepõem. A língua calada é uma metáfora da repressão israelense. Assim, o personagem central grita, em árabe, “ana min al-yahud” [eu sou dos judeus] e não “eu sou dos israelenses” e desta forma apaga a legitimidade do empreendimento sionista que desejou transformar judeus provenientes das diásporas em novos cidadãos, os israelenses.

Uma leitura destes livros é também uma leitura da israelidade oriental/*mizrahi* existente com que escritores contemporâneos estão reconstituindo/elaborando a identidade desta grande parcela da população sufocada pela sua própria história de vida no país. Várias das principais correntes da cultura israelense contemporânea como um todo são o resultado do processo vigente entre artistas *mizrahim* de retomar o seu passado para criar uma cultura nova única. As formas de complexidade envolvidas na recriação de identidade e de transmissão de

diferentes versões do passado e presente situam os escritores *mizrahim* nos debates em pauta nos mais diversos países, em torno de tradições culturais tais como árabes, africanas, indianas, afro-americanas, latino-americanas e caribenhas, minorias inseridas nas diversas culturas nacionais que as abrigaram.

Notas

- 1 SELA, Miya. Haassor haraze shel hassifrut haisraelit [A década magra da literatura israelense]. *Haaretz*, 9/12/2009. Disponível em http://www.mouse.co.il/CM.articles_item,1045,209,43060,.aspx Acesso em 9/12/2009.
- 2 Op. cit. nota n. 1.
- 3 A fim de proporcionar ao leitor um acesso em português a materiais que se referem à literatura israelense dos últimos anos e ao período imediatamente anterior, estão relacionados no adendo textos escritos por pesquisadores locais e alguns traduzidos do hebraico e do inglês. Estes textos abordam literatura de mulheres, feminismo, questões de gênero, shoá, palestinos, solo e território, árabes, guerras, política, etc..
- 4 TOPEL, Marta F.. Da mistura dos exílios ao pluralismo cultural. *Revista 18*, ano VI, número 23, março-maio/2008, p. 11 a 15.
- 5 SABATO, Haim. **Teum kavanot** [Ajuste de intenções]. Jerusalém: Yediot, 1999. O livro, onde personagens religiosos se defrontam com situações complexas, tem como pano de fundo a Guerra do Iom Kipur. Sabato, nascido em 1952, no Egito, de família proveniente de Alepo, Síria, é fundador e diretor de academia de estudos religiosos e autor de obras de teor religioso, além de quatro romances.
- 6 LEV-ARI, Shiri. Haguibora datiya aval ein la elohim [A personagem é religiosa mas não tem Deus]. *The Marker – Haaretz*. Disponível em www.mouse.co.il/CM.articles_item,1045,209,28704,.aspx Acesso em 11 de dezembro 2009.
- 7 SHEINFELD, Michael. **Maim sheein lahem sof**. [Água infinita]. Jerusalém: Yediot, 2008. O autor, nascido em 1976, é bacharel em direito e atua na área de educação religiosa.
- 8 *Ieshivat hesder*: Instituição de estudo religioso, sem intenção profissionalizante. Corresponde ao *college* norte-americano; de linha sionista-religiosa, destina 18 meses dos seus cinco anos de estudo ao serviço militar.
- 9 *Havruta*, forma habitual de estudo em dupla utilizada nas academias de estudos religiosos.
- 10 HOMSKY, Guilit. **Bamidbar bemalon or'him** [Na estalagem no deserto]. Yediot: Jerusalém, 2008. A autora, nascida em 1978, formada em pensamento político, é ficcionista, poeta e jornalista. Está desenvolvendo uma tese de doutoramento sobre poesia de autoras religiosas.
- 11 Op. cit. nota n. 6..
- 12 Entrevista a RAVID, Hadar. Modiin haaheret [A outra Modiin]. **Hatsofe**, 24/8/2008. Disponível em www.hazofe.co.il/%5Cweb%5Cnewsnew%5Ckatava6.asp Acesso em 13/12/2009.
- 13 WEISS, Tamar. **Zeppelin** [Zeppelin]. Jerusalém: Keter, 2008. A autora, nascida em 1975, é também editora e roteirista, com vários trabalhos para crianças.
- 14 BLAU, Sahra. **Ietsar lev haadama** [Instinto do âmago da terra]. Or Yehuda: Zmora-Beitan, 2007. A autora, nascida em 1973, é também jornalista; trabalha no Instituto Estatal da Shoá da cidade de Haifa. Tornou-se muito conhecida ao instituir um polêmico dia de celebração dos mortos da Shoá, como um evento alternativo.
- 15 HADAR, Alon. Al hahayim veal hamavet [A respeito da vida e da morte]. **Haaretz**. 23/2/2007. Disponível em <http://www.haaretz.co.il/hasite/pages/ShArtPE.jhtml?itemNo=828696&contrassID=2&subContrassID=13&sbSubContrassID=0>. Acesso em 13/12/2009.
- 16 Op. cit. nota n. 6.
- 17 KEIDAR. Mira. **Ehad meelef** [Um entre mil]. Tel Aviv: Yediot Aharonot, 2008.
- 18 No período talmúdico houve duas mulheres com este nome; Brúria foi esposa de Rabi Meir; ela aproveitou a sua capacidade intelectual e mesclou-se à vida da casa de estudos, essencialmente masculina; Rahel foi esposa de Rabi Akiva; ela decidiu enviar o marido para estudar.
- 19 Seguindo nomenclatura baseada na Bíblia, denomina-se de “ashquenazita” os judeus provenientes do centro e do leste europeus, falantes ou descendentes de falantes da língua iídiche.
- 20 Seguindo nomenclatura baseada na Bíblia, denomina-se de “sefardita” os judeus provenientes da Península Ibérica e dos países por onde se espalharam, em particular da costa mediterrânea. Em grande parte são falantes ou descendentes de falantes de judeu-espanhol [ladino]. Por terem ritos religiosos mais ou menos comuns, às vezes sefarditas e *mizrahim* são agrupados por um título comum: sefarditas. Autores e livros aqui mencionados referem-se principalmente a *mizrahim*. A literatura referente aos sefarditas é hoje bastante restrita.
- 21 Exceto obras do escritor Haim Hazaz [1898 – 1973], hoje quase esquecidas. Ele conviveu em Jerusalém com judeus provenientes do Iêmen e os incluiu em seus livros. Os judeus iemenitas chegaram a Israel em parte antes das outras imigrações de *mizrahim*. Em geral foram descritos de forma positiva e benévola, ao contrário do que se fez em relação aos *mizrahim* provenientes de outros países.
- 22 BALLAS, Shimon. **Hamaabara** [A moradia transitória]. Tel Aviv: Am Oved, 1964. O autor nasceu em 1930, em Bagdá, Iraque e chegou a Israel em 1951.
- 23 MICHAEL, Sami. **Shavim veshavim ioter** [Iguais e mais iguais], Tel Aviv: Bustan, 1974. O autor nasceu em 1926 em Bagdá, Iraque, e chegou a Israel em 1949.
- 24 SERI, Dan Benaya. **Uguiot hamelah shel savta sultana** [As rosquinhas salgadas da vovó Sultana], Tel Aviv: M. Neuman, 1980. O autor nasceu em 1935, em Jerusalém, descendente de uma família proveniente do Iêmen.
- 25 AMIR, Eli. **Tarnegol caparot** [Galo expiatório]. Tel Aviv: Am Oved, 1983. O autor nasceu no Iraque em 1937, imigrou a Israel em 1950. Seu nome chegou a ser cogitado para a presidência de Israel.
- 26 OZ, Amós. **Kufsa shehora** [A caixa preta]. Tel Aviv: Am Oved, 1987. Versão brasileira: OZ, Amós. *A caixa preta*. São Paulo: Companhia das Letras, tradução Nancy Rozenchan, 1993.
- 27 YEHOSHUA, A. B.. **Molcho** [Molcho]. Tel Aviv: Hakibutz Hameuchad, 1987. Versão brasileira: YEHOSHUA, A. B.. **Cinco estações**. Rio de Janeiro: Imago, tradução Emanuel Brasil e Tati Moraes, 1990.
- 28 KENAZ, Yehoshua. **Hitganvut iehidim** [Infiltração]. Tel Aviv: Am Oved, 1986.
- 29 SUISSA, Albert. **Akud** [Vinculado]. Tel Aviv: Hakibutz Hameuchad, 1990. O autor nasceu no Marrocos em 1959 e chegou a Israel em 1963.
- 30 Destacam-se os nomes de Ella Shohat [1959 -], pesquisadora da cultura e cinema, que vive nos Estados Unidos, Sami Shalom Chetrit, [1960 – Marrocos], que também leciona nos Estados Unidos, Oren Yiftach'el [1956 -], Yehuda Shen'hav [1952 -] Pnina Motzafi-Haller [1954 -], Hanan Hever [1953 -], Sami Smuha [1941 -], Reuven Snir [1953 -].
- 31 Apud BERLOWITZ, Iafa. Lehapes shivuy mishkal al lahav hataar, o mahi kria mizrahit [Procurar equilíbrio sobre o gume da navalha, ou o que é leitura oriental]. **Haaretz**, 09/11/2004. Disponível em: <http://www.haaretz.co.il/hasite/pages/ShArtPE.jhtml?itemNo=499416&contrassID=2&subContrassID=12&sbSubContrassID=0> Acesso em 10/12/2009.
- 32 SABATO, Haim. **Emet miaretz tishama** [A verdade será ouvida da terra]. Tel Aviv: Yediot Aharonot, 1997.
- 33 BUSSI, Dudu. **Ima mitgaagaat lemilim** [Mãe tem saudades de palavras]. Jerusalém: Keter, 2006. O autor nasceu em 1969.
- 34 *Burekas* – folhado recheado típico das comunidades sefarditas. “Filme *burekas*” – série de filmes israelenses, comum na

- década de 60, com mescla de melodrama e comédia sobre confrontos entre segmentos diversos da população, que tinham suas particularidades acentuadas de forma exagerada.
- 35 SHMUELOFF, Mati. *Ars im agenda: reayon im assofer vehaitonai Dudu Bussi* [Marginal com agenda: entrevista com o escritor e jornalista Dudu Bussi]. **Mevukash ms. 2**, site de Mati Shmueloff, 8/11/2006. Publicado originalmente em **Anashim**, número 505, p. 20-24, 8/11/2006. Disponível em <http://www.notes.co.il/mati/24922.asp> Acesso em 30/11/2009.
- 36 BERDUGO, Sami. **Ietomim** [Órfãos]. Tel Aviv: Hassifriya hahadasha/Hakibutz Hameuhad, 2006. O autor nasceu em 1970.
- 37 BERDUGO, Sami. Entrevista e um capítulo de “Órfãos”. **Maariv**, 31/5/2008. Disponível em <http://www.nrg.co.il/online/5/ART1/740/272.html> Acesso em 18/11/2009.
- 38 Resumos de entrevistas: VIG, Shoshana. Peguisha im sofer – Sami Berdugo ‘Eino roe derech aheret lichtov ela al hapetsaim shelanu’ [Encontro com escritor – Sami Berdugo ‘Não vê outro modo de escrever a não ser sobre as nossas feridas’] 10/1/2008. Disponível em **Reader.co.il** <http://www.reader.co.il/article/7498/> Acesso em 20/11/2009.
- HADAR, Alon. Guever ze lo kir [“Um homem não é um muro”]. **Haaretz**, 2/11/2006. Disponível em <http://www.haaretz.co.il/hasite/pages/ShArtPE.jhtml?itemNo=782531&contrassID=2&subContrassID=13&sbSubContrassID=0>. Acesso em 30/11/2009.
- 39 SHILO, Sara. *Shum gamadim lo iavou* [Nenhum duende vai aparecer]. Tel Aviv: Am Oved, 2006. A autora nasceu em 1958.
- 40 RAHAMIM, Yehezkel. **Pigumim** [Andaime]. Tel Aviv: Hakibutz Hameuhad, 2009. O autor nasceu em 1971.
- 41 SELA, Miya. Uga lekulanu [Bolo para todos nós]. **Haaretz**, 27/9/2009. Disponível em http://www.mouse.co.il/CM.articles_item,1018,209,40600.aspx Acesso em 20/11/2009.
- 42 Apud LAOR, Yitzhak. Between family and postcolonial Earth. **Haaretz**, 24/8/2007. Disponível em http://www.haaretz.com/hasen/pages/ShArtStEngPE.jhtml?itemNo=896809&contrassID=2&subContrassID=15&title=%27Between%20family%20and%20postcolonial%20Earth%20%27&dyn_server=172.20.5.5 Acesso em 20/11/2009.
- 43 SHMUELOFF, Mati, SHEM-TOV, Naftali & BARAM, Nir [Eds.]. **Teudot zehut** [Carteiras de identidade]. Tel Aviv, Am Oved, 2007.
- 44 BEHAR, Almog. **Ana min al-yahud** [Eu sou dos judeus]. Tel Aviv: Babel, 2008. O autor nasceu em 1978.
- so em 10/12/2009.
- BLAU, Sahra. **Ietser lev haadama** [Instinto do âmago da terra]. Or Yehuda: Zmora-Beitan, 2007.
- BUSSEI, Dudu. **Ima mitgaagaat lemilim** [Mamã tem saudades de palavras]. Jerusalém: Keter, 2006.
- HADAR, Alon. Al hahayim veal hamavet [A respeito da vida e da morte]. **Haaretz**, 23/2/2007. Disponível em <http://www.haaretz.co.il/hasite/pages/ShArtPE.jhtml?itemNo=828696&contrassID=2&subContrassID=13&sbSubContrassID=0>. Acesso em 13/12/2009.
- HADAR, Alon. Guever ze lo kir [Um homem não é um muro]. **Haaretz**, 2/11/2006. Disponível em <http://www.haaretz.co.il/hasite/pages/ShArtPE.jhtml?itemNo=782531&contrassID=2&subContrassID=13&sbSubContrassID=0>. Acesso em 30/11/2009.
- HOMSKY, Guilitt. **Bamidbar bemalon or'him** [Na estalagem no deserto]. Yediot: Jerusalém, 2008.
- KEIDAR, Mira. **Ehad mielef** [Um entre mil]. Tel Aviv: Yediot Aharonot, 2008.
- KENAZ, Yehoshua. **Hitganvut iehidim** [Infiltração]. Tel Aviv: Am Oved, 1986.
- LEV-ARI, Shiri. Haguibora datiya aval ein la elohim [A personagem é religiosa mas não tem Deus] in **The Marker – Haaretz**. Disponível em www.mouse.co.il/CM.articles_item,1045,209,28704.aspx Acesso em 11 de dezembro 2009.
- MICHAEL, Sami. **Shavim veshavim ioter** [Iguais e mais iguais]. Tel Aviv: Bustan, 1974.
- OZ, Amós. **Kufsa shehora** [A caixa preta]. Tel Aviv: Am Oved, 1987. Versão brasileira: OZ, Amós. **A caixa preta**. São Paulo: Companhia das Letras, tradução Nancy Rozenchan, 1993.
- RAHAMIM, Yehezkel. **Pigumim** [Andaime]. Tel Aviv: Hakibutz Hameuhad, 2009.
- RAVID, Hadar. Modiin haaheret [A outra Modiin]. **Hatsofe**, 24/8/2008. Disponível em www.hazofe.co.il/%5Cweb%5Cnewsnew%5Ckatava6.asp? Acesso em 13/12/2009.
- SABATO, Haim. **Emet miaretz fishama** [A verdade será ouvida da terra]. Tel Aviv: Yediot Aharonot, 1997.
- SABATO, Haim. **Teum kavanot** [Ajuste de intenções]. Jerusalém: Yediot, 1999.
- SELA, Miya. Uga lekulanu [Bolo para todos nós]. **Haaretz**, 27/9/2009. Disponível em http://www.mouse.co.il/CM.articles_item,1018,209,40600.aspx Acesso em 20/11/2009.
- SELA, Miya. Haassor haraze shel hassifrut haisraelit [A década magra da literatura israelense]. **Haaretz**, 9/12/2009. Disponível em http://www.mouse.co.il/CM.articles_item,1045,209,43060.aspx Acesso em 9/12/2009.
- SERI, Dan Benaya. **Uguiot hamelah shel savta sultana** [As rosquinhas salgadas da vovó Sultana], Tel Aviv: M. Neuman, 1980.
- SHEINFELD, Michael. **Maim sheein lahem sof** [Água infinita]. Jerusalém: Yediot, 2008.
- SHILO, Sara. **Shum gamadim lo iavou** [Nenhum duende vai aparecer]. Tel Aviv: Am Oved, 2006.
- SHMUELOFF, Mati. *Ars im agenda: reayon im assofer vehaitonai Dudu Bussi* [Marginal com agenda: entrevista com o escritor e jornalista Dudu Bussi]. In: **Mevukash ms. 2**, site de Mati Shmueloff, 8/11/2006. Publicado originalmente em **Anashim**, número 505, p. 20-24, 8/11/2006. Disponível em <http://www.notes.co.il/mati/24922.asp> Acesso em 30/11/2009.
- SUISSA, Albert. **Akud** [Vinculado]. Tel Aviv: Hakibutz Hameuhad, 1990.
- TOPEL, Marta F.. Da mistura dos exílios ao pluralismo cultural. **Revista 18**, ano VI, número 23, março-maio/2008, p. 11 a 15.
- VIG, Shoshana. Peguisha im sofer – Sami Berdugo ‘Eino roe derech aheret lichtov ela al hapetsaim shelanu’ [Encontro com escritor – Sami Berdugo ‘Não vê outro modo de escrever a não ser sobre as nossas feridas’]. 10/1/2008. Disponível em **Reader.co.il** <http://www.reader.co.il/article/7498/> Acesso em 20/11/2009.
- WEISS, Tamar. **Zeppelin** [Zeppelin]. Jerusalém: Keter, 2008.
- YEHOSHUA, A. B.. **Molcho** [Molcho]. Tel Aviv: Hakibutz Hameuhad, 1987. Versão brasileira: YEHOSHUA, A. B.. **Cinco estações**. Rio de Janeiro: Imago, Tradução Emanuel Brasil e Tati Moraes, 1990.

Referências

- AMIR, Eli. **Tarnegol caparot** [Galo expiatório]. Tel Aviv: Am Oved, 1983.
- BALLAS, Shimon. **Hamaabara** [A moradia transitória]. Tel Aviv: Am Oved, 1964.
- BEHAR, Almog. **Ana min al-yahud** [Eu sou dos judeus]. Tel Aviv: Babel, 2008.
- BERDUGO, Sami. **Ietomim** [Órfãos]. Tel Aviv: Hassifriya hahadasha/Hakibutz Hameuhad, 2006.
- BERDUGO, Sami. Entrevista e um capítulo de “Órfãos”. **Maariv**, 31/5/2008. Disponível em <http://www.nrg.co.il/online/5/ART1/740/272.html> Acesso em 18/11/2009.
- BERLOWITZ, Iafa. Lehapes shivui mishkal al lahav hataar, o mahi kriá mizrahit [Procurar equilíbrio sobre o gume da navalha, ou o que é leitura oriental]. **Haaretz**, 09/11/2004. Disponível em: <http://www.haaretz.co.il/hasite/pages/ShArtPE.jhtml?itemNo=499416&contrassID=2&subContrassID=12&sbSubContrassID=0> Aces-